# Para sempre. Ou não

Os filmes, os livros, as novelas e as conversas comprovam: o amor sempre dá ibope, seja leve, conturbado, maduro ou juvenil. O interessante é que o fim de um casamento cause alvoroço em tempos modernos, quando para muitos a noção de sagrado faz lembrar reacionários e a concepção do "e viveram felizes para sempre" soa ingênua. Amigos, parentes ou celebridades (que enxergamos como se fossem íntimos), não importa. "Mentira!", Que loucura", "Eles pareciam feitos um para o outro" são algumas das reações mais frequentes quando descobrimos que aquele casal que se apresentava tão sólido deixou de existir. Reações que se repetiram este ano diante da separação de famosos que considerávamos uma instituição em si, como Brad Pitt e Angelina Jolie. Para tentar entender as razões de essas rupturas nos chocarem tanto, o jornalista Arnaldo Bloch, além de entrevistar psiquiatras, psicanalistas e antropólogos, cita Plantão, Lacan e Sartre, porque as coisas do coração pedem toda ajuda possível. •

**ANA CRISTINA REIS**
EDITORA

O GLOBO
ANO 13 - Nº 636

# SUMÁ.RIO

*Projeto oferece serviço odontológico gratuito/* **DOIS CAFÉS E A CONTA** P6

*Quando algo vai muito além do simples gostar/* **MARTHA MEDEIROS** P8

**SEI LÁ, MIL COISAS** P10

**GENTE FINA** P14

**ENTREOUVIDO POR AÍ** P14

*Ele, o textão/* **COMPORTAMENTO** P16

*Cultura e culinária no Catete/* **CIDADE** P22

*O impacto que o fim de um casamento provoca/* **CAPA** P26

*Cristina Canale, artista plástica/* **PERFIL** P34

**ACHADOS IMPERDÍVEIS** P38

*A onda do batom toffee/* **BELEZA** P40

*Um traço delicado/* **DECORAÇÃO** P42

*Pernil de cordeiro/* **SABORES** P44

**CLÁUDIO PAIVA** P46

**CARTAS** P47

**JOGOS** P48

**COLUNISTA CONVIDADO** P50

**PINTURA**.
Cristina Canale chega de Berlim para abrir exposição no Rio. **P34**

**EXPEDIENTE** • **EDITORA: ANA CRISTINA REIS** ana.reis@oglobo.com.br • **EDITOR ASSISTENTE: MARCELO BALBIO** balbio@oglobo.com.br • **REPÓRTERES: ARNALDO BLOCH** arnaldo@oglobo.com.br • **CAROLINA RIBEIRO** carolina.ribeiro@oglobo.com.br • **EMILIANO URBIM** emiliano.urbim@oglobo.com.br • **JOANA DALE** joana.dale@oglobo.com.br • **JOSY FISCHBERG** josy.fischberg@oglobo.com.br • **THAIS LOBO** thais.lobo@oglobo.com.br • **DIAGRAMAÇÃO: CRISTINA FLEGNER** • **CAPA:** Foto de **MARIO ANZUONI/REUTERS**

# Artes plásticas
# Cristina Canale

## PINTORA CARIOCA QUE VIVE EM BERLIM MOSTRA NOVOS TRABALHOS NO RIO

**BASTIDORES.** Cristina na montagem da exposição "Caleidoscópio", em cartaz na Gávea

POR **JOANA DALE**
joana.dale@oglobo.com.br
FOTO **ANA BRANCO**

Segunda-feira passada, um dia após chegar da Alemanha, onde mora desde 1993, Cristina Canale chegou à galeria Silvia Cintra + Box 4, na Gávea, para montar a sua nova exposição. Inquieta, a artista plástica carioca, de 55 anos, carregava as telas de um lado para o outro. A cada troca de parede, segurava a pintura pelas laterais, como se estivesse dando um abraço por trás do quadro. Naquela tarde, os 11 trabalhos mudaram de lugar.

— Vou deixar esse pequeninho aqui e o grandão lá no fundo. Só para criar uma tensão. Amanhã eu decido — ri.

Aberta ao público na última quinta-feira, "Caleidoscópio" convida o espectador a imaginar cenas cotidianas como se fossem vistas através do brinquedo que empresta o nome à mostra. As pinturas da exposição, que fica em cartaz até 29 de outubro, foram feitas no ateliê que Cristina mantém na Glória, em um simpático sobrado de 1920.

— Eu poderia ter problemas na alfândega se trouxesse os trabalhos de Berlim, por isso preciso produzir tudo aqui. É meio absurdo, mas são essas leis loucas de nacionalização da obra de arte. Sou brasileira, pago meus impostos quando vendo as obras. Aqui ou lá — protesta. — Além de dificultar a minha vida, porque moro fora e gostaria de poder transitar com a minha obra livremente, acho que essa legislação atrapalha o meio de modo geral, inviabiliza que galerias brasileiras façam mais exposições com artistas estrangeiros. E aí fica tudo muito provinciano. Um país enorme, com um super potencial, fica cozinhando com os mesmos ingredientes porque as leis são tacanhas.

REPRODUÇÕES

**MUNDO DAS CORES.**
As telas "Humores" (ao lado) e "Bagagem (carmas)": em cartaz na Silvia Cintra

Nesta temporada, Cristina Canale se programou para ficar cinco semanas no Brasil. Chegou estrategicamente antes da ArtRio, feira que termina hoje nos armazéns do Píer Mauá. E pretende aproveitar a agitadíssima agenda cultural desses dias para rever amigos e se inteirar das novidades, antes de pegar a ponte aérea para conferir a 32ª Bienal de São Paulo. Na noite de segunda-feira, após organizar a montagem de sua exposição, ela foi da Gávea direto para Copacabana para tomar uma tacinha no vernissage da exposição de Arthur Luiz Piza, na Gustavo Rebello Arte. No dia seguinte, foi à abertura de "Irmãos", mostra de Brígida Baltar na Galeria Nara Roesler, em Ipanema.

Eventos à parte, sempre que está no Rio, Cristina segue uma espécie de programação fixa, que começa com um mergulho no Arpoador e termina com um chope no Bar Lagoa. A artista plástica também reserva uma noite para jantar com os "amiguinhos pintores", como se refere a Beatriz Milhazes, Daniel Senise e Chico Cunha, seus companheiros desde a lendária exposição "Como vai você, Geração 80?", realizada em 1984 na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage.

— A geração de artistas que se formou nos anos 1880 cresceu na ditadura militar mas pôde brindar o final dela, se Deus quiser para sempre. Uma geração que fez questão de se impor pela liberdade de pensamento, conceito e atitudes, sem medo de ser feliz. Uma geração que escolheu a pintura nos anos 80, mas poucos se mantiveram nesta escolha e desenvolveram nela uma linguagem sólida e importante. Cristina com certeza foi uma destas poucas artistas. — diz Beatriz Milhazes, em entrevista por e-mail. — Ao longo destes 30 anos, a pintura de Cristina se manteve fiel à uma figuração inteligente e personalizada, que conversa sempre com a abstração livre e tem na cor o elemento fundamental de sua poética.

O curador Fernando Cocchiarale ressalta a importância da obra de Cristina:

— Ela está entre as artistas mais importantes da Geração 80, que foi caracterizada pela volta da pintura. Cristina Canale, Adriana Varejão e Beatriz Milhazes formam a tríade das maiores pintoras brasileiras em atividade. É o curioso é que as três são formadas no Parque Lage.

Cristina começou a frequentar o Parque Lage aos 18 anos. Ela fazia as aulas de arte em paralelo com as matérias da faculdade de Economia, na PUC-Rio.

— A minha vida no Rio sempre foi numa linha, que começava na São Clemente e terminava na Lagoa-Barra: estudei no Jacobina, no Santo Inácio e depois foi Parque Lage e PUC — conta ela, que quando está no Rio se mantém na rota: fica hospedada na casa dos pais, no Humaitá.

Cristina pegou o diploma de economista, mas nunca exerceu a profissão.

— Eu era louca. Também fiz um curso de design, mas achei chato. Fiz uns estágios em propaganda e marketing, mas achei que não era a minha. Tentava outras soluções porque não acreditava que um dia conseguiria viver de arte — lembra. — O cenário não era nada empolgante. Existia uma ou duas galerias e poucos espaços institucionais. Fora isso, as exposições eram chatas pra dedéu.

O cenário começou a mudar no final da década de 1980, início de 1990. Em 1991, Cristina recebeu o Prêmio Governador do Estado, na 21ª Bienal de São Paulo. E ganhou uma bolsa para estudar na Academia de Artes de Düsseldorf, na Alemanha, sob a orientação do artista holandês Jan Dibbets.

— Nessa bolsona veio anexada uma bolsinha: fiquei três meses desenhando em um castelo que pertenceu à poetisa alemã Bettina Von Arnim — lembra. — Foi um momento importante para o meu trabalho. Eu era meio polloquiana, pintava com gestos. Consegui aprimorar a forma ali, desenhando naquele ambiente idílico. São esses pequenos períodos na vida que de repente concentram um aprendizado que você carrega para o resto da vida.

Em 1998, Cristina se casou com o pintor alemão Rolf Behm, com quem tem uma filha de 17 anos. O único momento que Cristina interrompe a entrevista é para checar mensagens que a filha mandou pelo WhatsApp:

— Ela está mostrando várias fotos do casaco que comprou por 30 euros numa *second hand* lá em Berlim — conta Cristina, que arregala os olhos diante da tela do celular: — Ela ainda não arrumou a cama! Só fica pensando nesse casaco... Ela está nessa febre de *second hand*. Acho bacana, assim fica com o gosto mais específico. Eu tenho pena de comprar roupa e não usar. Não sou de comprar muito.

Cristina gosta mesmo é de ver editorais em revistas de moda. É de onde pega ideias para produzir pinturas como "Bagagem (carmas)", uma das 11 em cartaz na Silvia Cintra + Box 4.

— Acho muito estético. Editoriais de moda mostram um cotidiano encenado. Ninguém anda assim na rua. Às vezes, tem uma perna saindo de uma porta, de um carro. É um pé no surrealismo que eu acho legal.

No trabalho de Cristina, fotos de moda, cenas cotidianas ou paisagens ganham novas cores.

— A cor no meu trabalho é um componente muito intuitivo. Composição, desenho, formas, tudo isso passa por um canal de estudo. A cor vem vindo, vem vindo. Eu fico feliz — conta a pintora, diante da tela "Humores", composta por nuvens coloridas. — E é engraçado que isso tudo da cor é uma cascata. É o nosso olho que constrói a cor. São fenômenos químicos e ópticos que geram muita coisa dentro da gente. Quando estou pintando, acredito na cor, mas sei que na realidade não é nada disso. É um castelo flutuante a cor. ●